

**CURSO DE PSICOLOGIA**

Kathleen da Cunha Spaniol

**NA NATUREZA SELVAGEM: UMA ANÁLISE DO LIVRO SOB A ÓTICA DA  
TEORIA SISTÊMICA**

Santa Cruz do Sul

2018

Kathleen da Cunha Spaniol

**NA NATUREZA SELVAGEM: UMA ANÁLISE DO LIVRO SOB A ÓTICA DA  
TEORIA SISTÊMICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Psicologia  
da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC para a  
obtenção do título de Bacharel em Psicologia  
Orientadora: Prof. Ms. Alba Regina Zacharias

Santa Cruz do Sul

2018

*Aos meus pais, Rui (in memoriam) e Andréia*

## RESUMO

A teoria sistêmica da psicologia estuda as famílias e a relação dos indivíduos dentro deste contexto. Atualmente não há apenas um modo de utilizar-se das técnicas psicoterápicas na abordagem sistêmica; mas faz-se necessário um conjunto da obra que a cada dia vem se renovando, tendo sempre como aprendizado desta terapia que “[...]a família é mais do que uma coleção de indivíduos; é um sistema, uma totalidade organizada cujas partes funcionam de maneira que transcende suas características isoladas”. (MINUCHIN; NICHOLS; LEE; 2009, p. 15). Como forma de se entender o contexto familiar e representá-lo, o presente texto irá discorrer sobre uma análise do livro de Jon Krakauer – “Na natureza selvagem” de 1998 – e realizar um estudo de caso sobre a família McCandless, como protagonista encontra-se Christopher McCandless. Tendo por objetivos de pesquisa uma análise do histórico familiar, das relações interpessoais e da personalidade de Christopher, estes itens serão vistos sob a ótica da teoria sistêmica. Utilizando-se de pesquisas bibliográficas de diversos autores da abordagem mencionada para melhor compreensão do caso, como: Bowen, Minuchin, Imber-Black, Carter e McGoldrick, Nichols e Schwartz, entre outros autores para entendimento dinâmico. Verificando também a ideação suicida e hipóteses sobre a personalidade de Christopher. Como metodologia principal o estudo de caso, nas formas explanatória e descritiva.

Palavras-chave: Estudo de caso; Abordagem sistêmica; Relações familiares; Ideação suicida;

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>4</b>
<b>3 DESCRIÇÃO DO CASO.....</b>	<b>5</b>
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>7</b>
<b>4.1 Genetograma.....</b>	<b>7</b>
<b>4.1.1 Genetograma da família McCandless.....</b>	<b>9</b>
<b>4.2 Ciclo vital.....</b>	<b>10</b>
<b>4.3 Feedbacks na terapia familiar.....</b>	<b>12</b>
<b>4.4 O casal.....</b>	<b>13</b>
<b>4.5 Segredos familiares.....</b>	<b>14</b>
<b>4.6 Teoria Estrutural.....</b>	<b>18</b>
<b>4.7 Teoria Boweniana.....</b>	<b>20</b>
<b>4.8 Ideação suicida.....</b>	<b>26</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho será uma análise do livro “Na natureza selvagem” – no inglês “Into the Wild” –, do autor Jon Krakauer lançado em 1998. O livro traz uma história verídica e tem como protagonista Christopher Johnson McCandless – ao qual chamarei apenas de Chris ou Chris McCandless. Chris fez uma viagem como andarilho de dois anos entre 1990 e 1992. Este procurava estar literalmente na vida selvagem e acaba fixando moradia no Alasca isolado de tudo, onde acaba por vir a óbito após comer uma planta venenosa. Este livro de Krakauer, inclusive ganhou um filme em 2007 com o mesmo título, dirigido pelo diretor Sean Penn.

Por que escolhi este livro? Por que esta história? Tenho o livro antes mesmo de pensar que estaria em um curso de psicologia e ele sempre me foi muito valioso. Nunca entendi os motivos que poderiam levar um jovem com uma base familiar forte a romper estes vínculos e fazer uma grande viagem sozinho, que acabou por tirar sua vida. Não consigo imaginar isso, porque estou intrinsecamente ligada a minha própria família, assim como a grande maioria das pessoas, todos viemos de um determinado contexto. Ao entrar no curso de psicologia, percebo que há uma abordagem que certamente me chamou mais atenção. E novamente esta relacionado a família, a teoria sistêmica que estuda os sujeitos em seu contexto familiar. Com a oportunidade de estar estagiando por um ano dentro desta abordagem no curso de psicologia, surge este trabalho de conclusão de curso. Onde irei estudar uma história familiar que conheço há anos e poder uni-la com uma teoria e melhor compreendê-la, dentro de um estudo de caso.

O livro conta a história de um rapaz saindo da adolescência para a vida adulta, em que este parece querer fugir de suas relações sociais e apresenta uma ideação suicida, Chris acaba vivendo como andarilho pelo país. Como características da biografia feita sobre o personagem Chris, o livro traz a versão dos pais Walt e Billie e da irmã Carine, das pessoas que o conheceram durante sua jornada de dois anos como andarilho, dos amigos que o conheciam do colégio e também como o próprio autor Jon Krakauer o analisa.

Chris morava em Atlanta na Geórgia (Estados Unidos). Formou-se em história e antropologia na Universidade de Emory. Antes da faculdade vivia com seu pai Walt, sua mãe Billie e sua irmã três anos mais nova, Carine. (KRAKAUER, 1998).

Tendo como personalidade Chris era um jovem muito bem educado, com grandes questionamentos existenciais, inteligente e que amava livros, principalmente dos autores Liev Tolstói, Jack London, Henry D. Thoreau. Muitos destes autores lhe inspiraram nesta viagem que acabou sendo trágica. Era sedento por novas experiências e acreditava que a natureza por

si só tinha tudo a nos oferecer, que por vezes as relações humanas não importavam. Quando em sociedade sabia se divertir e interagia com todos a sua volta, porém havia sempre uma vontade de estar sozinho, no livro alguns dizem que era introvertido. Tinha uma desavença em seguir regras e normas, não gostava do modo como o governo agia, tinha grande interesse pelas injustiças e desigualdades sociais. Importava-se tanto com questões sociais, que em sua adolescência ao invés de estar em festas como a maioria de seus colegas, ia para as ruas da cidade e visitava pessoas em situação de vulnerabilidade, neste espaço conversava com elas como poderiam melhorar suas vidas e lhes dava alimento. (KRAKAUER, 1998).

Acostumado desde criança a fazer longas viagens com sua família, Chris sempre teve este desejo de estar na estrada. No último ano do segundo grau comprou um carro usado e começou a realizar suas viagens sozinho. Tinha desavença com os pais principalmente pelo apreço que eles tinham ao materialismo e a sociedade de consumo. Durante uma de suas viagens Chris descobriu problemáticas familiares, que envolvia traições e diversos segredos familiares por parte dos pais, onde Chris e Carine seriam filhos ilegítimos. Na família o achavam teimoso e quando Chris botava uma ideia na cabeça, dificilmente alguém o fazia mudar de pensamento, costumava dar a ‘cara a tapa’ nas situações e por isso frustrava-se com frequência. Desde criança sempre foi muito esperto e tinha um dom para o empreendedorismo. Sabia tocar diversos instrumentos e era um ótimo corredor. A irmã Carine, no livro, conta que Chris era muito de remoer as coisas, costumava ser mais reservado e guardava as coisas para si. (KRAKAUER, 1998).

Muitos no livro narraram que Chris era intenso demais com as coisas, era um idealista que não combinava muito com a modernidade em que vivia. Gostava de contar as suas histórias e conseguia dialogar por horas, todos se sentiam confortáveis com ele, alguns criaram grande afeição pelo garoto. Mas no decorrer de sua viagem de dois anos, percebe-se uma característica forte em Chris, era bastante esquivo em suas relações interpessoais, apesar de muito simpático e aparentemente bem social, evitava aprofundar a intimidade com qualquer pessoa. (KRAKAUER, 1998).

Quando decidiu ir para o Alasca queria mesmo a aventura crua de estar “perdido na natureza”, sem saber das horas, dias e sem mapa. Chamava esta última viagem de “a grande odisséia alasciana”. Durante o livro percebe-se que Chris tinha uma falta de autocuidado com si mesmo e com sua segurança pessoal, denotando uma provável ideia suicida. No momento em que sai de casa cria uma nova vida para si, muda inclusive de nome. Durante o livro ele alterna os nomes, por vezes chama-se Alexander Supertramp – ou só Alex –, Alex

McCandless e em algumas raras ocasiões usa seu nome verdadeiro – Chris McCandless. (KRAKAUER, 1998).

O protagonista Chris McCandless abre mão de uma carreira e vida de sucesso na tentativa de fugir do meio ao qual desprezava, de riqueza, segurança e futilidade existencial. Chris sendo de uma família rica, sempre teve grandes oportunidades, sabendo ele aproveitar todas muito bem, era bom aluno e exercia quase tudo com muito sucesso. Após se formar na faculdade e com a oportunidade de morar sozinho, acaba fugindo, trocando de nome, doando todo seu dinheiro para uma caridade e segue sozinho como andarilho; na esperança de poder buscar uma forma autêntica de existência e sem tanta imersão da sociedade ao qual estava constantemente exposto. Durante o livro traz a história da família de McCandless, muito das relações sociais que Chris tivera e também bastante aspectos de sua personalidade. Pensando nisso utilizarei de Chris McCandless como o paciente identificado dentro da família e através da abordagem sistêmica da psicologia irei realizar um estudo de caso.

A abordagem sistêmica estuda o sujeito dentro de um ambiente, usando como base os elementos que constituem uma família. Para Nichols e Schwartz (1998) com a entrada da terapia familiar começou-se a pensar os sujeitos como sendo resultado de um contexto, a família passou a ser vista como influenciadora do sintoma. Com o surgimento de terapeutas que analisaram a família dos pacientes sintomáticos, percebeu-se que aquele que se apresentava ali já não era mais o estranho, mas uma adaptação necessária devido a constante interação com o contexto familiar.

Em suma este trabalho tem por objetivo analisar o livro, utilizando bibliografias de autores sistêmicos como – Minuchin, Bowen, Imber-Black, Carter e McGoldrick, Nichols e Schwartz –, dentre outros que se fazem importantes para compreensão do caso.



## 2 METODOLOGIA

Para o estudo de caso que será realizado, é preciso uma metodologia específica, segundo Vianna (2001, p. 95) “método significa, portanto, caminho para atingir um fim, o conjunto das ações necessárias para atingir os objetivos propostos em um determinado período, a partir dos recursos disponíveis”. Tendo como foco neste trabalho um estudo de caso de um livro – “Na natureza selvagem” de Jon Krakauer (1998)-, relacionando com pesquisas bibliográficas sobre determinada abordagem teórica da psicologia – a sistêmica.

Para Goode e Hatt (1979) citado por Ventura (2007, p. 384), “o estudo de caso é um meio de organizar os dados, preservando do objeto estudado o seu caráter unitário. Considera a unidade como um todo, incluindo o seu desenvolvimento (pessoa, família, conjunto de relações ou processos etc.)”. O autor Yin (2005, p. 19) assinala que

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos explanatórios com dois outros tipos – estudos exploratórios e descritivos.

Yin (2005, p. 20) segue apontando que os estudos de caso surgem através de uma vontade dos pesquisadores de diferentes áreas, em entender acontecimentos sociais importantes. “Em resumo, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real”. No caso do livro, a história contada, é sobre a família McCandless, a qual ficou conhecida após o corpo do filho ter sido encontrado morto no Alasca. Sendo esta uma história verídica e que teve grande comoção da mídia na época, criando-se a partir do livro de Krakauer um filme intitulado pelo mesmo nome.

Yin (2005) cita três formas de se utilizar do estudo de caso, com propósito exploratório, descritivo ou explanatório. Como exploratório utiliza-se na pesquisa o questionamento “o que”, tendo como foco de estudo suposições e enunciados. Os explanatórios usa perguntas “como” e “por que”, trazendo como ponto investigações históricas. A forma descritiva seriam questões como “quem” ou “onde”, em que se faz um levantamento de informações e pesquisa em arquivos. Na análise que irá se seguir o que mais se encaixa é o estudo de caso explanatório e descritivo, uma vez que irei investigar a história de Christopher McCandless e sua família e como embasamento teórico a abordagem será a sistêmica da psicologia, entre outros autores para melhor compreensão do caso.

### 3 DESCRIÇÃO DO CASO

A família McCandless é composta por 4 integrantes, iremos datar as idades com base entre 1990 e 1992 – idade aproximada, o livro não traz ordem cronológica das situações. Sendo eles Samuel Walter McCandless Jr. de 56 anos (“Walt” – pai), Wilhelmina Johnson McCandless de 47 anos (“Billie” – mãe), Christopher Johnson McCandless (24 anos – filho e P.I.) e Carine McCandless de 19 anos (filha).

Walt McCandless vem de uma família humilde, não se sabe mais nada sobre ela; desde criança sempre foi muito inteligente e incentivado. Ganhou bolsa de estudos na universidade e sempre se manteve com diversos empregos neste período. Era músico e por vezes ganhava dinheiro se apresentando. Logo que Walt saiu da faculdade, formado em engenharia aeroespacial, já era casado com Marcia e estava esperando um filho. Realizou mestrado logo depois da graduação. Trabalhou árduamente e subiu rápido profissionalmente. Em seu casamento com Marcia teve 6 filhos entre 1959 e 1970 – tendo um filho após a separação. Marcia e Walt divorciaram-se em 1965. Foi quando Walt conheceu Billie. Em sua personalidade, Walt está acostumado a dar ordens, controlar e pode possuir um humor instável. (KRAKAUER, 1998).

Billie Johnson foi criada mais afastada da cidade e também era de origem humilde. O pai de Billie se chamava Loren Johnson, gostava muito dos animais, leitura e música; não tinha um emprego fixo e sempre deu duro para manter a família que era composta por 6 crianças. Billie aos 22 anos, conheceu Walt após o divórcio dele, começaram a namorar e em 12 de fevereiro de 1968 nasceu o primeiro filho do casal – Christopher Johnson McCandless. (KRAKAUER, 1998).

Walt entre 1965 e 1970 manteve-se entre duas famílias, sustentando os filhos do casamento que teve com Marcia e seu novo relacionamento com Billie, onde Chris já havia nascido. Carine a irmã mais nova de Chris, nasceu em 1971. A separação entre Walt e Marcia não foi amigável, pois mesmo após o nascimento de Chris, Walt continuou convivendo com Marcia e se dividia entre duas famílias nucleares. Este fato foi mantido em segredo por muitos anos, até Chris em uma de suas aventuras sozinho – em 1986 –, ter descoberto. O casamento de Billie e Walt só foi legalizado após a família se mudar, isso depois do nascimento de Carine. (KRAKAUER, 1998).

Ainda segundo o mesmo autor, Billie e Walt abriram uma pequena firma de consultoria, que teve grande ascensão financeira com o tempo, onde relatam ter trabalhado muito; isso lhes permitia trabalhar em casa. O casal aprendeu a desfrutar da riqueza, jamais

deixando faltar nada para o filhos. A família costumava fazer muitas viagens juntos, Chris tinha adoração pela estrada no “sangue”. Carine e Chris cresceram entre brigas do casal e ausência dos pais, onde estes ameaçavam se divorciar com frequência e trabalhavam o tempo todo. Os irmãos era extremamente apegados.

Carine assim como Chris, também tinha aptidão musical. Os irmãos se davam muito bem, havia rivalidade da parte de Chris, que costumava ser muito competitivo, mas isso nunca afetou o relacionamento deles. Carine quando adolescente também teve conflitos com os pais, mas sabia perdoar.

Chris tinha uma visão negativa de seus pais e da forma como se usavam do dinheiro. Após a descoberta de segredos do divórcio, sua relação com eles se tornou cada vez mais restrita. Chris não contou aos pais o que sabia, apenas para Carine; guardou para si rancorosamente e mudou a postura perante eles.

Krakauer (1998) apresenta que, em uma de suas viagens Chris voltou subnutrido, o que deixou a família preocupada. Portanto os pais sentiam-se inseguros sobre como conversar com o filho, porque tudo o que dissessem era em vão, Chris era muito confiante em si mesmo e fazia o que queria. A tentativa dos pais de terem qualquer afeto paternal diante dele, o deixava ainda mais irritado e menos disposto a se abrir.

Em essência esta família não se parece muito distante com outras realidades familiares. Há questões de segredos, como o divórcio; pais que foram pobres e conseguiram sucesso no trabalho, dando o melhor para seus filhos; aliança entre irmãos; haviam bons momentos em família, assim como tinham conflitos. Chris durante os relatos do livro, sempre pareceu ter uma personalidade mais excêntrica de seus pais. O distanciamento emocional apareceu fortemente, após a descoberta de segredos, o que o fez mudar completamente perante a família. Sua primeira viagem sozinho já havia alertado esta família sobre algo errado, Chris era desatento com sua segurança pessoal e autocuidado.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para compreendermos o funcionamento da família McCandless iremos utilizar da teoria sistêmica da psicologia que estuda a família, o sujeito e seu contexto. Iniciamos explicando alguns conceitos desta abordagem e deste modo discutindo onde a teoria se encontra dentro deste estudo de caso.

Inicialmente na psicologia observava-se o sujeito mais em sua forma intrapsíquica e em questões traumáticas do passado. Com a chegada do paradigma sistêmico na metade do século XX, surge o pensamento circular. Demonstrando que existe interatividade entre os fundamentos que constituem um sistema, criou-se a teoria geral dos sistemas, elaborada por Von Bertalanffy, que a partir disto ganha espaço nas ciências humanas e ciências em geral. (MELLO FILHO; BURD, 2007).

### 4.1 Genetograma

O genograma é representado semelhante a uma árvore genealógica, iguais aquelas que fazíamos na escola, para podermos visualizar nossa estrutura familiar de geração em geração. Na psicologia é empregado pela perspectiva sistêmica em que “orienta os terapeutas na utilização dos genogramas para avaliação e intervenção clínica”. (MCGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012, p.31). Através dos genogramas ou genetogramas, é possível ver quem está ligado a quem, qual a forma de parentesco e também as relações existentes entre seus membros. “Os genetogramas são retratos gráficos da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família”. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p. 144).

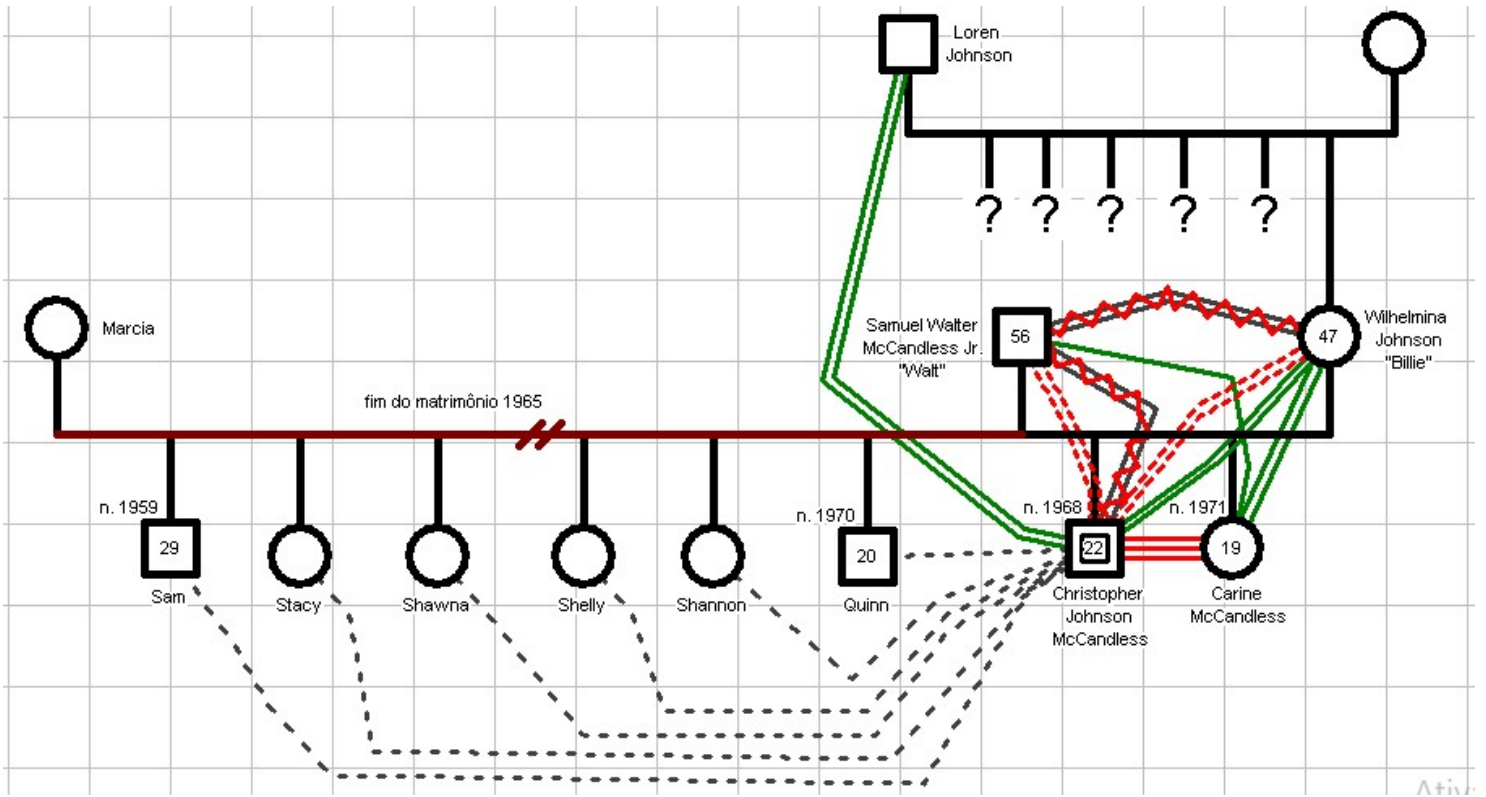
McGoldrick, Gerson e Petry (2012) apontam que através do genograma podemos perceber padrões nas relações familiares, com a observação deste há a possibilidade de se fazer hipóteses sobre a família. Seguem dizendo que

Um pressuposto básico aqui é que os sintomas refletem uma adaptação do sistema ao seu contexto total em um determinado momento. Os esforços adaptativos dos membros do sistema reverberam através dos seus muitos níveis, do biológico para o intrapsíquico e para o interpessoal (ou seja, a família nuclear e extensa, a comunidade, a cultura e mais além). Além disso, os comportamentos familiares, inclusive problemas e sintomas, originam mais significado emocional e normativo em relação ao contexto sociocultural e histórico da família. Assim, uma perspectiva sistêmica envolve a avaliação do problema com base nesses múltiplos níveis. (MCGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012, p.32).

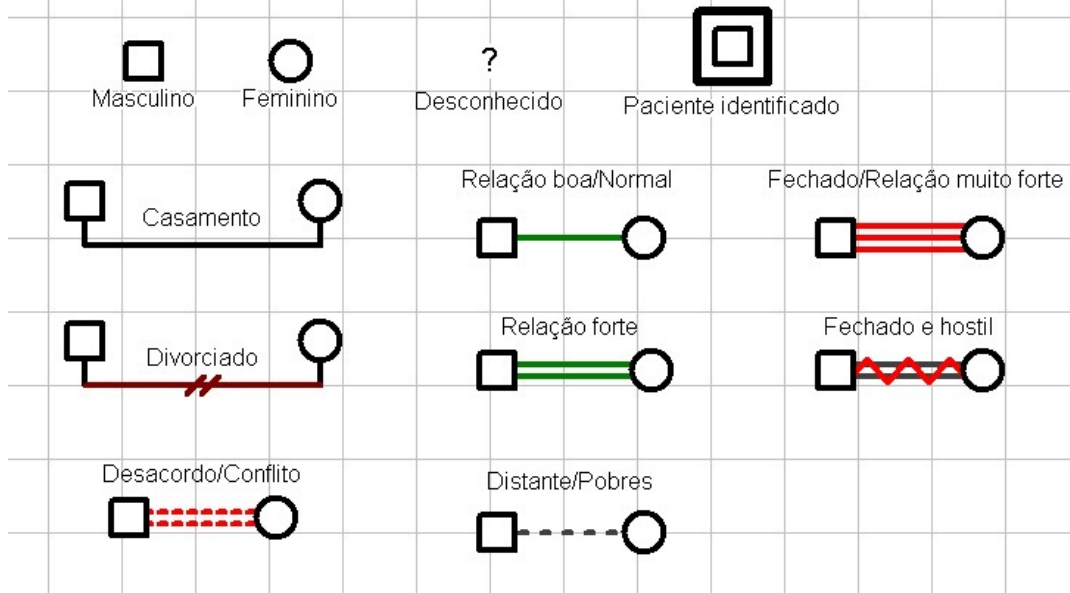
A família McCandless será exibida pelo genetograma, nele percebemos que o livro trás mais características da família de Billie; e de Walt apenas sabemos que veio de família humilde, seguindo da seguinte frase “sua família, ele declara friamente, ‘estava do lado errado dos trilhos’ ”. (KRAKAUER, 1998, p. 115). Do lado de Walt representamos seus casamentos e filhos. O livro não traz todos os detalhes suficientes para fazer um genetograma completo, mas com base no que foi mostrado por Krakauer (1998) podemos entender as relações desta família em estudo, assim como algumas datas importantes que serão desenvolvidas nesta análise.

Ao analisar o genetograma familiar de McCandless, podemos visualizar Chris como sendo o paciente identificado pela família, pelo fato de ele ter movimentado este sistema e ter sido o motivo da publicação do livro de Krakauer. Os casamentos de Walt estão representados cada um de um lado, ele esta ao meio, onde Marcia esta demarcada com símbolo de divórcio e Billie de casamento. Walt tem um total de 8 filhos sanguíneos. Os filhos do primeiro casamento, aparece no livro apenas a idade do primeiro e do último nascimento. Nas relações percebemos que era uma família de relacionamento fechado, que significa relação forte entre seus membros. Chris aparece como tendo relacionamento fechado e conflituoso com ambos os pais e união muito forte com a irmã. Carine apontada como tendo bom relacionamento com ambos os pais. O relacionamento de Walt e Billie também é mostrado na forma de fechado e hostil. Chris em relação aos seus irmãos é de convivência distante.

### 4.1.1 Genetograma da família McCandless



#### LEGENDA



Fonte: GENOPRO

## 4.2 Ciclo vital

Para Carter e McGoldrick (1995) o ciclo vital é representado por estágios, em que as autoras sugerem como se dá o processo e as transições dentro de um sistema e mudanças que costumam ocorrer em cada um dos estágios. Têm como base famílias de classe média americanas, iguais a família McCandless.

O estágio do ciclo vital em que se encontra a família McCandless é “lançamento do jovem adulto solteiro”. Neste estágio se espera que o indivíduo saia da casa dos pais, exigindo que ele se separe sem cortar vínculos ou fugindo para uma nova relação emocional. “É o momento de estabelecer objetivos de vida pessoais e de se tornar um “eu”, antes de juntar-se a uma outra pessoa para formar um novo subsistema familiar”. (CARTER; MCGOLDRICK; 1995, p. 16). Sendo este momento para diferenciar-se de sua família de origem, escolhendo o que levará consigo durante a vida, o que deixará para trás e quais serão seus novos legados. (CARTER; MCGOLDRICK; 1995).

A mudança rumo ao *status* adulto-para-adulto requer uma forma de relacionar-se mutuamente respeitosa e pessoal, em que os jovens adultos podem apreciar os pais como eles são, sem precisar transformá-los naquilo que eles não são e sem culpá-los por aquilo que não puderam ser. Os jovens adultos também não precisam submeter-se às expectativas e desejos paternos, às suas próprias custas. (BOWEN, 1978 in CARTER; MCGOLDRICK; 1995, p. 17).

“Saindo de casa: jovens solteiros” é o primeiro estágio descrito pelas autoras citadas acima. Tendo como processo para alcançá-lo a aceitação de “responsabilidade emocional e financeira” do indivíduo. Para que ocorra um desenvolvimento adequado do estágio é preciso que: a) o sujeito se diferencie da família de origem; b) estabeleça novas relações emocionais com adultos iguais; c) tenha por si mesmo relações empregatícias e autonomia financeira. (CARTER; MCGOLDRICK; 1995, p. 17).

Chris em primeiro momento como jovem adulto sai de casa para realizar faculdade, pelo que vemos no livro de Krakauer (1998) o desejo por ingressar em uma universidade surgiu de seus pais. Faz sua graduação longe de casa, porém apenas após se formar, Chris rompe de vez seus vínculos familiares e foge. A ideia dos pais era de que ele ainda realizasse graduação em Direito. Com o pensamento a seguir, observamos que Chris não encaixa-se neste processo que seria “normal” para um jovem adulto ser lançado para fora do sistema. Ele faz diferente, rompendo os vínculos familiares, não mantendo amizades e sem pretensão de trabalhar.

Ele passara os quatro anos anteriores, tal como via as coisas, preparando-se para cumprir um dever oneroso e absurdo: graduar-se na faculdade. Finalmente estava desimpedido, emancipado do mundo sufocante de seus pais e pares, um mundo de

abstração, segurança e excesso material, um mundo em que ele se sentia dolorosamente isolado da pulsação vital da existência. Saindo de Atlanta para o oeste, pretendia inventar uma vida totalmente nova para si mesmo, na qual estaria livre para mergulhar na experiência crua, sem filtros. Para simbolizar o corte completo com sua vida anterior, adotou um nome novo. Não mais atenderia por Chris McCandless; era agora Alexander Supertramp, senhor de seu próprio destino. (KRAKAUER, 1998, p. 34).

Carter e McGoldrick (1995) ainda trazem que neste ciclo tanto os pais quanto os filhos terão que permitir a mudança desta fase, os filhos irão atrás de suas próprias escolhas, mesmo agradando ou não os pais, e os pais precisam parar de ter o poder e controle sobre os filhos, permitindo a independência destes. Aos olhos dos pais, os filhos podem estar se “rebelando” neste estágio, mas na verdade estão procurando diferenciar-se e criar autonomia. Por isso que os pais precisam permitir e aceitar estas mudanças, que podem acabar sendo difíceis, dependendo também de como foram criados.

Os pais de Chris dominaram muitas de suas escolhas de vida, baseando-se em como cresceram, ambos de famílias pobres que lutaram muito para conquistar sucesso. Chris permitiu que os pais influenciassem em sua vida até os 22 anos, quando se formou – como completando uma última vontade dos pais –, e depois, fugindo desta relação em procura se si mesmo. Se pretendia voltar ou não, não fica exatamente claro no livro. (KRAKAUER, 1998).

A família McCandless também se encontram no ciclo de vida familiar “Famílias no meio da vida: lançando os filhos e seguindo em frente”. Que segundo Carter e McGoldrick (1995) é o quinto estágio, onde ocorrem muitas entradas e saídas dos indivíduos desta família, Chris e Carine já estão sendo “lançados” para fora deste sistema, indo em busca de sua própria vida e família nuclear.

Os irmãos se encontram adultos e estes pais – Billie e Walt –, acabariam logo ficando no que chamamos de ninho vazio. O casal ficaria sozinho e teria que haver uma nova definição de papéis, sendo que a vida conjugal estaria mais presente do que a paternal. No livro de Krakauer (1998) não aparece muito sobre os avós paternos de Chris, ficamos sem saber se ainda vivem; sobre os pais de Billie entendemos que já não estão vivos, por isso Billie e Walt não teriam mais o compromisso neste estágio de serem cuidadores de seus pais. Neste estágio há muitas mudanças para a vida conjugal e esta díade decidirá questões relacionadas a trabalho, como irão lidar com a saída dos filhos e entradas de netos, assim como se ainda permanecerão juntos quanto casal; nesta fase ocorrem muitas vezes os divórcios. (CARTER; MCGOLDRICK; 1995).



### 4.3 Feedbacks na terapia familiar

“O primeiro e talvez mais influente modelo de como as famílias funcionam foi a *cibernética*, o estudo dos mecanismos de *feedback* em sistemas que se auto-regulam”. (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, p. 101). Para Nichols e Schwartz (2007) os *feedbacks* podem ser negativos ou positivos, servem para manter a homeostase dentro do sistema familiar, não delimitando se são bons ou desfavoráveis. O *feedback negativo* busca o equilíbrio, procura corrigir os problemas para deixá-los como estavam anteriormente. O *feedback positivo* “é a informação que confirma e reforça a direção que o sistema toma”. (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, p. 101).

Mello Filho e Burd (2007) nos dizem que os sistemas recebem permanentemente os resultados de suas ações, ao que se chama *feedback*. Esses podem assumir valores positivos, algo que “predispõe à mudança”, forçando o sistema familiar a agir de novas maneiras, por não ser mais possível permanecer disfuncional. E negativos, que “busca a homeostase da família”, tentando reorganizar e corrigir os problemas presentes, para o equilíbrio do sistema.

Chris ao cortar os vínculos com sua família, faz um reforço positivo de feedback, porque ele abala o sistema, obrigando o grupo a repensar conceitos. Após a descoberta de segredos familiares e antes de sumir do meio familiar, Chris muda o comportamento com relação aos pais. Contam que muitas de suas atitudes deixavam os pais constrangidos. “Podia ser generoso e atencioso em demasia, mas tinha um lado mais sombrio também, caracterizado por monomania, impaciência e ensimesmamento, qualidades que parecem ter se intensificado durante sua vida universitária”. (KRAKAUER, 1998, p. 130). O que sabemos através do livro, é que Chris mudou mais após entender como se deu o divórcio do pai, porém os pais não sabiam que ele havia descoberto, portanto não sabiam a causa da mudança radical de comportamento.

Bloch e Rambo (1995, 1998) apud Costa (2010) expõem que a família é um sistema que esta sempre mudando. Em termos de literatura este sistema familiar é demarcado por subsistemas e fronteiras que tem como funcionalidade a autorregulação na busca pelo equilíbrio. Esta homeostase tem ligação direta no aparecimento de sintomas de um dos membros da família quando este sistema se desajusta de alguma forma.

#### 4.4 O casal

Carter e McGoldrick (1995) apontam alguns processos durante os estágios de ciclo vital que acabam sendo mudanças de segunda ordem. Vendo divórcio e recasamento como um novo modelo familiar que vem crescendo de percentual, considerando como “uma interrupção ou deslocamento do tradicional ciclo de vida familiar, que produz um tipo de profundo desequilíbrio que está associado, em todo o ciclo vital familiar, a mudanças, ganhos e perdas no grupo familiar” (AHRONS; RODGERS; 1987 in CARTER; MCGOLDRICK; 1995, p. 22). Caso algo não tenha sido resolvido em outras fases, os problemas emocionais podem aparecer na nova relação conjugal.

Por volta de 1965, no entanto, seu casamento ia mal. Ele e a esposa, Marcia, se separaram. Walt começou a namorar uma secretária da Hughes chamada Wilhelmina Johnson – todos a chamavam de Billie – que tinha 22 anos e admiráveis olhos negros. Eles se apaixonaram e foram morar juntos. Billie ficou grávida. [...] A 12 de fevereiro de 1968, Billie deu a luz um filho. (KRAKAUER, 1998, p. 116).

Demorou um tempo de anos até que as questões do divórcio entre Marcia e Walt fossem resolvidos, neste meio tempo Walt permanecia tendo relações com as duas mulheres e engravidou as duas em um período de tempo comum, em que o filho de Marcia com Walt – Quinn –, nasceu em 1970 e Carine em 1971, sendo que Chris nasceu em 1968. Krakauer (1998) apresenta que nos relatos de Carine, os pais brigavam muito e ameaçavam se divorciar diversas vezes, Chris e Carine não entendiam muito o motivo das brigas dos pais, mas que por nós pode estar sendo analisado como questões emocionais não resolvidas por este novo casal que se uniu. Podemos fazer uma hipótese de que Billie poderia esperar ter um marido infiel, assim como o Walt trazer conflitivas que tinha com sua antiga parceira. Além de que teriam que lidar com os filhos de Walt de um outro casamento. (KRAKAUER, 1998).

Billie e Walt mantém uma aliança muito forte entre eles, Anton (2002, p. 77) nos diz que “as alianças mutuamente destrutivas muitas vezes se estabelecem a partir de ilusões românticas, das quais fazem parte promessas da mais ampla e perene felicidade”. Segue mostrando que o indivíduo precisa negar as provas de que o relacionamento lhe causa dor, criando ilusões que atendem as suas carências e justificando a escolha do parceiro. Billie já tinha Chris quando nasceu o último filho de Walt com Marcia, e mesmo assim Billie fica com ele. As brigas podem ser ocasionadas por estas conflitivas não resolvidas e mascaradas por eles em forma de excesso de trabalho. Tendo Billie se sujeitado as humilhações inflingidas pelo marido, em busca de manter a homeostase familiar e perdendo assim, sua individualidade e autonomia.

Anton (2012) ao falar de divórcio, aponta alguns fatores que podem contribuir para o fim do casamento, como disfunções sexuais, muito trabalho e estresse, envolvimento exagerado com os filhos, acentuada vida social. Muitos casais se mantêm também por ter boa vida sexual, o que complica a separação iminente. O que parece acontecer com Walt e Marcia, onde o casamento está fadado ao fracasso, mas a vida sexual permanece prazerosa, sendo que estes cogitam o final da separação em 1965, mas divorciam-se oficialmente após alguns anos. Tendo Walt filhos com duas mulheres em tempo comum; e também duas famílias. O divórcio funciona no momento que Walt muda de cidade e corta completamente o vínculo com a ex-esposa.

#### 4.5 Segredos familiares

Imber-Black (1994) em seu livro sobre segredos na família enuncia que o sistema familiar está repleto de segredos entre seus membros, “tais como nascimento, adoção, origem familiar, infertilidade, aborto, doença física e mental, orientação sexual e sexualidade, incesto, estupro, violência, adições, religião, [...] divórcio, situação como imigrante, suicídio e morte”. (p. 15). Ressaltando o quanto os segredos dentro da família é um estudo de pouco acesso até há pouco tempo. “A revelação de certos segredos pode ter um efeito profundamente curativo para indivíduos e relacionamentos, enquanto a revelação de outros segredos pode colocar as pessoas em perigo”. (IMBER-BLACK, 1994, p. 16).

Chris nos mostra que os segredos familiares causaram um rompimento emocional com a família de origem, aonde ele vai em busca de uma viagem como saída para seus problemas, porém esta acaba se mostrando fatal. Sendo assim a revelação destes segredos familiares se manifestaram de forma trágica, em que Chris se pôs em perigo.

Os segredos por serem sistêmicos acabam por moldar muitas formas de se relacionar dentro da família, podendo fabricar triangulações, díades, coligações, rupturas, delimitando quem sabe e quem não sabe os segredos deste sistema. Ajustando a confiança ou o distanciamento de seus membros. Os segredos podem falar sobre o modo de viver destes sujeitos na família, onde se pode observar por vezes uma transmissão geracional de lealdade. (IMBER-BLACK, 1994). Krakauer (1998) traz que devido as muitas brigas do casal e por trabalharem muito, Carine e Chris criam uma aliança entre eles. Os pais manifestam-se em uma díade por manterem alguns segredos.

Conforme Imber-Black (1994), ao entender qual o teor dos segredos se constata o estigma e o constringimento familiar envolvido, sendo estes motivos que sustentam e mantêm

o segredos inertes. Havendo os segredos *positivos* que costumam ter duração mais breve em sua manutenção; os segredos *nocivos* que tem poder sintomático e duradouro; e os segredos *perigosos* que em tratamento terapêutico assumem proporções maiores que devem ser sanadas logo. Na família de Chris podemos verificar segredos nocivos e perigosos.

Nesta família há diversos segredos, aonde alguns deles, Chris descobriu de forma inocente em uma viagem que realizou sozinho pelo país, quando foi visitar a cidade onde viveu até os 6 anos de idade. Descobrimo que era um filho bastardo, em que o pai enquanto já estava com Billie, também tinha relações com a ex-mulher Marcia; no qual manteve duas famílias ao mesmo tempo entre 1965 e 1970. (KRAKAUER, 1998). No livro o autor aponta do seguinte jeito:

A separação entre Walt e Marcia, sua primeira mulher, não fora limpa nem amigável. Havia muito que se apaixonara por Billie, havia muito que Chris nascera, e Walt continuava sua relação com Marcia em segredo, dividindo seu tempo entre dois lares, duas famílias. Mentiras foram contadas e depois reveladas, gerando mais mentiras para explicar as imposturas iniciais. Dois anos depois do nascimento de Chris, Walt teve outro filho – Quinn McCandless – com Marcia. Quando a vida dupla de Walt veio à luz, as revelações causaram ferimentos profundos. Todos os envolvidos sofreram terrivelmente. (KRAKAUER, 1998, p. 131).

Segundo Imber-Black (1994) pode haver ligação entre segredos e sintomas, sendo denotado de quatro formas. O primeiro é de que o próprio sintoma é preservado em segredo. O segundo é que “um sintoma pode ser uma expressão simbólica de emoções poderosas conectadas a ele”. (p. 26). O terceiro é o sintoma servindo como algo que desvie a atenção para um segredo intolerável. E o quarto é que “os sintomas de ansiedade e culpa podem resultar da manutenção dos segredos”. (p. 26). O sintoma de Chris de distanciamento emocional, estava representando o segredo que ele guardara por saber sobre o divórcio do pai. Suas atitudes e frieza perante a família, os questionamentos sobre riqueza e sua aparente preocupação excessiva pelas causas sociais, surgiram após a descoberta dos segredos.

Marilyn Mason in Imber-Black (1994) expressa que “os segredos frequentemente envolvem tabus culturais acerca de dinheiro, sexo e doença”. (p. 41). Muitas vezes um segredo pode ser gerador de vergonha, justamente por ser algo não bem visto pela sociedade em que vivemos. “A vergonha torna-se o “motor” que impulsiona muitos à busca de perfeição, *status* e prosperidade”. (p. 42). Se esta vergonha estimula os sujeitos a procurar o status, podemos perceber em Walt e Billie, que trabalhavam tanto a ponto de se vangloriarem com seu primeiro milhão. (KRAKAUER, 1998).

Os pais de Chris eram de origem pobre, tendo sempre que batalhar muito para conquistar as coisas, da família de Walt ele foi o único que se destacou e segundo ele sua família “estava do lado errado dos trilhos”. (p. 115). Com as oportunidades que vieram Walt

alcançou grande sucesso, tudo com muita dedicação. Do mesmo modo foi a vida de Billie, em que o pai criou seis filhos. O casal trabalhou muito para se estabilizar. “Walt e Billie conheceram a pobreza quando jovens e, depois de lutar para superá-la, não viam nada de errado em gozar dos frutos de seu trabalho”. (p. 125). Chris sempre implicara muito com a questão financeira dos pais e pelo modo como lidavam com o dinheiro, ele não via a riqueza como algo bom, “acreditava que a riqueza era vergonhosa, corruptora, essencialmente má”. (KRAKAUER, 1998, p. 125).

Nem sempre o próprio segredo – suicídio na família, gravidez antes do casamento, adicções, suicídio, ou abuso sexual – determina se o segredo inibirá o crescimento. Em vez disso, o processo familiar em torno do evento ou experiência é o responsável por isto. Se uma família tem um sistema relativamente aberto – isto é, seus membros estão livres para comentar o que aconteceu e para passar isto adiante como uma história da família –, ela está menos propensa a unir-se na vergonha. As famílias mais fechadas e leais às regras de “não falar, não confiar, não sentir” frequentemente criam mitos familiares ou histórias desonestas para esconder segredos. (MARILYN MASON in IMBER-BLACK, 1994, p. 42-43).

Dentro das famílias pode existir uma vergonha herdada, sendo que desde que nascemos estamos inseridos em um determinado meio e ele molda características internas. Neste processo familiar acaba-se formulando as interlizações de “sobre como ser, como ver a si mesmo e como perceber o mundo”. (MARILYN MASON in IMBER-BLACK, 1994, p. 46). Quando se é criança a obediência em manter as regras do sistema e a dependência, implicam no que se pode e no que não pode ser revelado. A vergonha costuma ser na condição inconsciente, em que há lealdade de seus membros em manter os motivos de vergonha, seja pelo apreço que se tem pelos familiares ou de forma oculta que não é reconhecida por nós pelo fato de estarmos emocionalmente ligados a este sistema. Esta vergonha herdada pode falar muito sobre como nos relacionamos quando adultos. (MARILYN MASON in IMBER-BLACK, 1994).

Este mesmo autor traz oito regras – “controle, perfeição, culpa, negação, inconfiabilidade, inconclusão, não fale e desqualificação”. (p. 48) –, sobre como a vergonha se mantém, de modo que é uma transmissão inconsciente. “Os membros da família obedecem a essas regras inconscientemente e aprendem a não perguntar, a não comentar”. (p. 48). Tentar entender um conteúdo vergonhoso é visto como traição da fidelidade a estas regras do grupo. Precisamos quando adultos encontrar nossa própria forma de lidar com os problemas, para compreensão de nós mesmos e de nossas relações, criando um sistema próprio de acontecimentos que rompem com o de nossos pais.

Ao ter conhecimento sobre a maneira que se deu o divórcio de seu pai, Chris passou a agir diferente e distante da família, em que Krakauer (1998) indica como raiva e indisposição

para perdoar os pais pelo que lhe fizeram. Chris disse a sua irmã que esta deslealdade por parte dos pais faziam “toda sua infância parecer uma ficção. Mas não confrontou os pais com o que sabia, nem na época nem depois. Em vez disso, preferiu fazer segredo de seu conhecimento e expressar sua raiva de modo indireto, em silêncio e retraimento taciturno”. (p. 132).

Peggy Papp in Imber-Black (1994) ao falar de segredos entre pais e filhos assinala que, os pais costumam enfrentar a decisão sobre contar ou não certos segredos aos filhos, em que deve ser pensado a melhor forma de fazê-lo. O que pode dificultar na revelação de um segredo é quanto ao significado que os pais atribuem a ele, complicando a comunicação do mesmo.

O significado pode envolver intensos sentimentos de culpa e vergonha por alguns eventos do passado, que podem ameaçar a exposição de fraquezas disfarçadas ou vulnerabilidades escondidas, ou, ainda, pode tropeçar em tabus sagrados existentes entre as gerações. Os pais podem manter informações em segredo a fim de proteger a criança ou a si mesmos do que consideram uma revelação dolorosa desnecessária. Porém, embora o próprio evento possa ser mantido em segredo, a intensidade dos sentimentos em relação a ele dificilmente pode ser disfarçada. O próprio ato de manter o segredo gera ansiedade no pai e na mãe, que deve acautelar continuamente contra a revelação, evitando determinados assuntos e distorcendo informações. (PEGGY PAPP in IMBER-BLACK, 1994, p. 76-77).

Krakauer (1998) apresenta que a infância de Carine e Chris foi permeada por brigas, onde os irmãos faziam aliança entre eles. Walt e Billie trabalhavam e estressavam-se bastante. Muitas vezes falaram em se divorciar. Carine considera que ela e o irmão eram muito unidos devido as brigas conjugais. “Aprendemos a contar um com o outro quando papai e mamãe não estavam bem”. (p. 117). Walt e Billie poderiam estar atribuindo um valor tão grande para os segredos, que o fato de trabalharem muito deveria mantê-los ocupados demais para compartilhar muitas coisas com os filhos, inclusive revelar certos segredos.

Muitos tabus familiares não ficam visíveis porque são proibidos, assuntos que não devem ser conversados. Portanto se as crianças percebem que os pais lhe escondem informações, isso pode desenvolver ansiedade e confusão, deixando de serem confiantes e culpando-se. Para explicar algo que não entendem, as crianças fantasiam mitos e crenças, que podem resultar em atitudes sintomáticas. (PEGGY PAPP in IMBER-BLACK, 1994). Chris sempre foi diferente segundo a família e demonstrava comportamentos pouco comuns. Conseqüentemente com as brigas dos pais, Carine e Chris poderiam estar percebendo que havia algo não mencionado no teor das brigas do casal. (KRAKAUER, 1998).

Peggy Papp in Imber-Black (1994) indicam que muitas famílias acreditam em traços herdados, em que enxergam em um de seus filhos, particularidades semelhantes a de um parente da família (avô, avó, tios, etc), traços estes que não são bem vistos e aceitáveis. Caso

este comportamento seja notado como herdado e inalterável, há possibilidade de a criança inconscientemente notar que os pais desaprovam suas atitudes e conseqüentemente agir exatamente na forma sintomática dos atributos temidos. A família traz que o pai de Billie não se encaixava bem na sociedade. “Em muitos aspectos, ele e Chris eram bem parecidos. Loren Johnson era orgulhoso, teimoso e sonhador, um homem do mato, músico autodidata, autor de poesias”. (KRAKAUER, 1998, p. 118). Características encontradas também em Chris, que tinha aptidão para música, amor por literatura e natureza, e se mostrava muitas vezes teimoso, orgulhoso e sonhador.

#### 4.6 Teoria Estrutural

Para Minuchin “a teoria da terapia familiar está fundamentada no fato de que o homem não é um ser isolado. Ele é um membro ativo e reativo de grupos sociais”. (MINUCHIN, 1982, p. 12). Vendo o sujeito reagindo a perturbação de ordem familiar, observando a circunstâncias presentes em que este se encontra, mas não deixando de lado as questões do passado que podem estar refletindo na atualidade. Na teoria de Minuchin tem como base a estruturação da família onde se analisa as interações deste sistema. Seguindo por conceitos como: *estrutura*, *subsistema* e *fronteiras*. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007).

“*Estrutura* familiar refere-se ao padrão organizado em que os membros da família interagem. Já que as transações familiares se repetem, criam expectativas que estabelecem padrões duradouros”. (p. 183). As famílias criam modelos de comportamentos, que não são percebidos pelos seus membros. Isso define os papéis em que cada indivíduo atua dentro do sistema. Podendo haver formas comuns de se relacionar (ex: hierárquica) ou idiossincráticas (ex: cada membro tem seu jeito). (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007).

Na família McCandless percebe-se que Walt tenta manter a forma estrutural em hierarquia, ditando o que é melhor para seus filhos, os colocando em bons colégios; visto como controlador. Mas os membros possuem suas particularidades, onde é mais visível em Chris, notado pela família muitas vezes como o “ensimesmado”, “teimoso”, o que faz o que quer. Walt relata: “Chris não tinha medo desde pequeno [...]. Não achava que as probabilidades se aplicavam a ele. Estávamos sempre tentando puxá-lo da beirada”. (KRAKAUER, 1998, p. 119).

Para Nichols e Schwartz (2007) os *subsistemas* são os papéis definidos por cada membro em determinado contexto, onde se pode ser: mãe, filha, tia, prima, avó-, dependendo do subgrupo em que se encontra a pessoa.

O *subsistema conjugal* é composto por Walt e Billie que são marido e mulher, unindo-se para criar sua própria família nuclear e um novo sistema. Eles criam uma díade desde o início do casamento, na manutenção dos segredos conjugais. Ao nascer Chris e Carine, este casal também se reforça para um subsistema *parental*, onde ambos estão para as funções paternas e maternas.

Sendo Chris e Carine irmãos, estes se encontram em papéis *fraternos* de competição, cooperação e negociação entre seus pares. Os irmãos também se constituem em uma díade, em função de estarem por fora das conflitivas do casal. Mesmo quando Chris descobre os segredos do divórcio do pai, continuam se configurando em díades, porque Chris compartilha o segredo com a irmã e não com os pais, e os pais permanecem achando que seus filhos não sabem dos segredos conjugais. Em carta para Carine, Chris deixa claro sua insatisfação com as atitudes dos pais, quando estes tentam lhe dar um carro novo. Chris escreve: “Não posso acreditar que eles tentaram me comprar um carro. [...] Vou ter que ser realmente cauteloso em não aceitar nenhum presente deles no futuro porque pensarão que compraram meu respeito”. (KRAKAUER, 1998, p. 32).

As *fronteiras* segundo os mesmos autores, são rígidas/desligada, difusa/emaranhada e normal/clara. A família McCandless pode ser classificada por fronteiras rígidas, que é descrito como

excessivamente restritivas e permitem pouco contato com subsistemas externos, resultando em desligamento. Do lado positivo, isso estimula a autonomia. Por outro lado, o desligamento limita a afeição e a ajuda. Famílias desligadas precisam chegar a um estresse extremo antes de mobilizarem ajuda mútua. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 184).

Em que esta família percebe que Chris foi embora, meses depois, sendo que ele já havia demonstrado preocupação anteriormente em sua última viagem. Quando volta subnutrido e com comportamentos não compreendidos pelo sistema. Após sua viagem em 1986, os colegas de escola no livro de Krakauer dizem que ele estava diferente, com uma frieza e começou a ter preocupações um pouco exageradas e fora de sua realidade. Levando muito a sério questões de que a natureza por si só tem tudo a nos oferecer, acreditando que as relações não se faziam importantes. Fica claro esta concepção em uma carta que Chris escreve para R.F.

Você está errado se acha que a alegria emana somente ou principalmente das relações humanas. Deus a distribuiu em toda a nossa volta. Está em tudo e em qualquer coisa que possamos experimentar. Só temos de ter a coragem de dar as costas para nosso estilo de vida habitual e nos comprometer com um modo de viver não convencional. O que quero dizer é que você não precisa de mim ou de qualquer outra pessoa em volta para pôr esse novo tipo de luz em sua vida. (KRAKAUER, 1998, p. 68).



E este conselho, o senhor R.F. seguiu, largou a segurança de sua casa, se desfez dos bens materiais e esperou o rapaz voltar de sua “jornada alasquiana”. Mais tarde R. F. descobriu que Chris havia falecido e ele renunciou a Deus, naquele dia relata que se embebedou, sendo que não bebia há anos; sua esperança era de que morresse no deserto. (KRAKAUER, 1998).

#### 4.7 Teoria Boweniana

A terapia familiar de Murray Bowen é contextualizada de que todos nós necessitamos de interação humana, porém com uma medida de autonomia. Precisando existir um equilíbrio entre duas ações que permeiam esta interação, chamadas de “*individualidade e proximidade*”. Sua teoria é baseada em como cada indivíduo aprendeu a lidar com suas emoções dentro do contexto familiar. “Conforme Bowen descobriu, a família continua conosco onde quer que estejamos, [...] a não resolvida reatividade emocional aos nossos pais é o assunto em aberto mais importante da nossa vida”. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 129).

Para contextualizar sua teoria, Bowen se utiliza de oito conceitos, são eles: “diferenciação do *self*, triângulos, processo emocional da família nuclear, processo de projeção familiar, processo de transmissão multigeracional, posição de nascimento entre irmãos, [...] rompimento emocional e processo emocional societário”. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 130). Iremos utilizar os conceitos que se encaixam na história de Chris.

A *diferenciação de self* é quando o sujeito consegue agir independentemente, de forma autônoma, tem autoridade sobre seu próprio pensamento, e não está sendo influenciado por razões pessoais, emocionais. “Pessoas indiferenciadas são facilmente levadas à emotividade. Sua vida é movida pela reatividade àqueles que as cercam”. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 131). Se não conseguirmos nos diferenciar bem em nossas famílias de origem, acabamos reagindo emocionalmente a todas as ansiedades que iremos enfrentar no restante de nossas vidas. Por isso se faz necessário que os indivíduos consigam diferenciar-se de suas famílias para que possam participar de forma ativa e racional em sociedade. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007).

Zampieri (2012) in Albuquerque e Alves (2016) aponta que o fato de diferenciar-se também indica a qualidade da separação familiar. Aos nascermos estamos emaranhados nestes sistema e indiferenciados, mas espera-se que cada membro seja levado a criar independência, para ser reconhecido quanto sujeito neste sistema. Passando a agir conforme o

que acredita, mesmo que a família de origem não concorde. “Assim, a pessoa diferenciada afirma o que pensa sem atribuir as próprias crenças a outros, assumindo igualmente a responsabilidade da própria felicidade sem culpabilizar os outros dos próprios insucessos”. (ANDOLFI, 2002 in BARRERO, 2012, p. 15).

Chris luta o tempo todo para se diferenciar, cada ato que ele faz contrário de seu pai, como se rebelar e ir contra as ideologias da família – principalmente com riqueza –, é uma tentativa de mostrar que é diferente, mas mesmo assim, aparecem nele características que foram passadas por sua família de origem. Percebe-se fortemente esta indiferenciação no momento em que Chris faz sua jornada sozinho e não consegue manter nenhuma relação interpessoal, simplesmente foge de qualquer amizade. Como se sempre continuasse fugindo de sua família; qualquer pessoa que tentava se envolver emocionalmente mais afundo, Chris ia embora ou rompia o vínculo. No livro existem muitos depoimentos de indivíduos que o conheceram e conta um pouco sobre o vínculo que criaram com Chris. Apesar de estar sempre rompendo, algumas pessoas o cativam de tal forma, que ele segue trocando correspondências.

Durante sua fuga, McCandless deixou uma impressão indelével em várias pessoas, a maioria das quais passou somente poucos dias em sua companhia, no máximo uma semana ou duas. Porém, ninguém foi afetado de forma tão forte pelo breve contato com o rapaz quanto R. F., que tinha oitenta anos de idade quando seus caminhos se cruzaram, em janeiro de 1992. (KRAKAUER, 1998, p. 59).

O senhor de oitenta anos se apegou tanto a Chris, que pediu se podia adotá-lo, era uma pessoa solitária e já havia perdido todos que amava. R.F. explicou a situação para Chris, mas isso não fez com que pensasse no assunto.

McCandless estava entusiasmado por estar a caminho do Norte e aliviado também – aliviado por ter novamente escapado da ameaça iminente de intimidade humana, de amizade, e de toda a complicada carga emocional que vem com isso. Ele fugira dos limites claustrofóbicos de sua família. Tivera sucesso em manter J. B. e W. W. a certa distância, afastando-se de suas vidas antes que esperassem alguma coisa dele. E agora escapulira também sem dor da vida de R.F. (KRAKAUER, 1998, p. 66).

Chris vem de uma família rica, mas seu interesse esta nas causas sociais, nas injustiças; o que contraria muito seu estilo de vida. O fato de Chris e o pai terem personalidades muito semelhantes, pode ser o que mais o irritava. Ele percebia a semelhança na genialidade, controle, sucesso e teimosia de ambos e na tentativa de ser diferente, apenas acabava sendo mais parecido. Chris não deve ter achado outro jeito para transgredir a semelhança com o pai, do que odiando a riqueza. Essa parecia ser a diferença entre eles.

Apesar de toda tentativa de Chris em diferenciar-se, ele repete padrões de personalidade do pai, inclusive se distanciar da família de origem. Walt quando mais novo veio de uma família pobre e trabalhou muito para ser diferente daquele sistema que conhecia,

no livro dá a entender que acabou distanciando-se da família de origem, que pouco é mencionada. Krakauer (1998, p. 75) apresenta que

Era uma análise correta da relação entre Chris e Walt McCandless. Tanto o pai como o filho eram teimosos e altamente melindrosos. Tendo em vista a necessidade de Walt de exercer controle e a natureza extravagantemente independente de Chris, a polarização era inevitável. Chris submeteu-se à autoridade de Walt no tempo de colégio e faculdade de forma surpreendente, mas ao mesmo tempo sentia raiva por dentro. Ruminava o que julgava serem falhas morais de seu pai, a hipocrisia do estilo de vida dos pais, a tirania do amor condicional deles. Por fim, Chris rebelou-se e, quando o fez, foi com exagero característico.

Nichols e Schwartz (2007) assinalam que, *processo emocional da família nuclear* é a fusão emocional existente na família que se repete como modelo. Ocorre em pessoas que pouco se diferenciaram de suas famílias de origem e acabam precisando de outra relação, por exemplo o casamento, onde irão se fundir uma na outra em um relacionamento instável. Pondendo gerar as seguintes situações:

1. distância emocional reativa entre os parceiros;
2. disfunção física ou emocional em um dos parceiros;
3. conflito conjugal;
4. projeção do problema em um ou mais filhos; (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 132).

Albuquerque e Alves (2016, p. 52) apontam que esta “massa de ego familiar indiferenciada, refere-se às forças emocionais na família que agem ao longo dos anos e através das gerações e que exige do sujeito uma máxima renúncia de sua autonomia para que possa pertencer a família”. Chris para pertencer a sua família até os 22 anos, abriu mão de sua autonomia, fazendo de um jeito ou de outro o que os pais queriam, mesmo a contragosto. Quando foge, faz exatamente esta ruptura emocional com o sistema, mas leva consigo as consequências deste ambiente familiar, sem perceber.

Walt e Billie talvez não fossem muito bem diferenciados de suas famílias de origem, percebe-se também que projetam muito de seus problemas em Chris, principalmente Walt. O casal apresenta brigas conjugais constantes, inclusive na frente dos filhos. Assim como trabalham muito o tempo todo segundo relato de Carine no livro. Há possibilidade que esse casal tenha rompido emocionalmente com seus pais. (KRAKAUER, 1998).

O *processo de projeção familiar* ocorre quando os pais transmitem para os filhos suas ansiedades e falta de diferenciação de *self*. “A fusão emocional em um casal cria tensão que leva a conflitos, distância emocional, ou muito ou pouco funcionamento recíproco”. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 132). Se um casal tem problemas, estes podem acabar sendo depositados em um dos filhos, podendo criar uma incapacidade deste filho em se

desenvolver emocionalmente. Os pais podem acabar transferindo para os filhos suas frustrações, não permitindo que a criança se diferencie. (ALBUQUERQUE; ALVES; 2016).

Carine diz que os pais trabalhavam muito e acabavam sendo um pouco distantes dos filhos por estarem sempre trabalhando. Estes pais não apresentaram agarra-se a um dos filhos e transmitir sua ansiedade, mas o distanciamento deles com o mundo dos filhos quando brigavam e trabalhavam o tempo todo, poderia estar transmitindo algo. Isso pode ser melhor visto em transmissão multigeracional. Carine provavelmente foi a mais afetada com a projeção familiar, porque conciliava sua concordância com o irmão e também com os pais.

Nichols e Schwartz (2007) dizem que o *processo de transmissão multigeracional* é quando ocorre a transmissão de ansiedades nas gerações. “A família transmite aos seus membros valores, crenças, legados, mitos e padrões. Isso acontece através da transmissão psíquica geracional”. (ALBUQUERQUE; ALVES; 2016, p. 50). O que aprendemos com nossa família, acabamos repetindo nas próximas gerações. Carine traz um exemplo disso no livro: “Eu reclamava sempre de papai e mamãe porque trabalhavam o tempo todo e nunca estavam por perto”, diz ela, rindo de si mesma, “e agora olhe para mim: estou fazendo a mesma coisa”. (KRAKAUER, 1998, p. 138).

“[...] papai e mamãe trabalhavam muito. Quando Chris e eu acordávamos de manhã para ir à escola, estavam no escritório trabalhando. Quando chegávamos em casa à tarde, estavam no escritório trabalhando. Quando íamos para a cama à noite, estavam no escritório trabalhando. Eles tocavam muito bem o negócio e por fim começaram a ganhar muito dinheiro, mas trabalhavam o tempo todo”. (KRAKAUER, 1998, p. 117).

Chris como diz a família, tinha um dom para o empreendedorismo, desde criança conseguia ganhar dinheiro muito facilmente. Ironicamente esta é uma controvérsia a sua aversão pelo dinheiro. Chris sabia como ganhar dinheiro, mas nunca pensou em tê-lo. O fato de elaborar algo que lhe permite sustento, parece mais uma forma de provar ao Walt que ele era bom em basicamente tudo o que tentava. Sendo assim, Chris também repetia o trabalhar muito dos pais e ser bom no que se faz.

Quando estava com doze anos, Chris imprimiu uma pilha de folhetos e abriu um negócio de cópias para a vizinhança, Chris Fast Copie, oferecendo retirada e entrega gratuitas. Utilizando a copiadora do escritório dos pais, pagava-lhes uns poucos centavos por cópia, cobrava dos clientes dois centavos a menos que a copiadora do bairro e tirava um lucro respeitável. (KRAKAUER, 1998, p. 126).

“Walt está acostumado a dar ordens. Assumir o controle é algo que faz inconscientemente, sem refletir”. (KRAKAUER, 1998, p. 115). Esta é também uma das características de Chris, que muitas vezes discordava do pai, porque este lhe impunha ordens; ambos eram controladores. “É impossível deixar de reconhecer de onde vinha a veemência de

Chris”. (KRAKAUER, 1998, p. 115). O pai também era um tipo de gênio, que teve muito sucesso em sua profissão, Chris parecia ter “herdado” a mesma genialidade.

Aos 3 anos de idade foi considerado um aluno super-dotado, porém Chris não gostou e fez esforços para sair do programa. Conseguia distrair-se sozinho por horas, sem companhia e brinquedos. “Chris não tinha medo desde pequeno. Não achava que as probabilidades se aplicavam a ele. Estávamos sempre tentando puxá-lo de volta da beirada” (Walt). Chris sempre fora muito inteligente, tirando boas notas na escola e em tudo o que fazia, tinha muito sucesso. (KRAKAUER, 1998, p. 119).

A família relata também que Chris era muito parecido com o avô materno – Loren Johnson; “em muitos aspectos, ele e Chris eram bem parecidos”. (KRAKAUER, 1998, p. 118). O apresentam como um sonhador, que costumava ser teimoso e orgulhoso, gostava de natureza, literatura e música, muitas das características encontradas em Chris. Podemos analisar esta personalidade como transmissões herdadas pelas gerações. Há ainda o fato de que o avô apenas matava animais para sobrevivência e em um dos momentos em que Chris esta no mato tentando sobreviver, ele mata um alce; depois declara em seu diário que foi uma ‘tragédia’. Ambos viam matar animais como um desastre, não gostavam do ato. (KRAKAUER, 1998).

A *posição de nascimento dos irmãos* também foi analisada por Bowen, que indica diferentes características na personalidade dos irmãos, dependendo da sua posição de nascimento dentro da família – se é caçula ou mais velho. A competição entre os irmãos, seria a maneira que cada irmão achou para garantir seu lugar no sistema. “Os primogênitos tendem a se identificar com o poder e autoridade” e os caçulas “são mais inclinados a se identificar com os oprimidos e a questionar o *status quo*. São mais abertos a experiências porque essa abertura os ajuda”. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 134).

Chris e Carine sempre se deram muito bem e em todas as crises conjugais criavam um laço mais forte entre eles como irmãos, mas isso não deixa ausência de competição entre eles. Chris escreveu certa vez para a irmã: “De qualquer forma, gosto de lhe falar disso porque você é a única pessoa no mundo que poderia entender o que estou dizendo”. (KRAKAUER, 1998 p. 138). Chris sempre se mostrou muito competitivo em tudo o que fazia, e também apresentava algumas vezes este comportamento com Carine. A irmã que sempre pareceu mais aberta e receptiva aos problemas familiares, cabe bem no seu papel de caçula “oprimida” e aberta a novas experiências, Carine mantinha bom contato com os pais e o irmão. Exemplo de competição entre irmãos abaixo:

Trompista bem-dotado, ainda adolescente participou da Sinfônica da Universidade Americana, mas saiu, segundo Walt, depois de criticar as regras impostas por um maestro de banda colegial. Carine lembra que havia mais do que isso: “Ele deixou de tocar, em parte, porque não gostava que lhe dissessem o que fazer, mas também por minha causa. Eu queria ser como Chris e comecei a tocar trompa também. E

aconteceu que naquele instrumento eu era melhor do que ele. Eu estava no primeiro ano e ele no último quando me colocaram de primeira trompista da banda da escola; de forma alguma ele iria sentar-se atrás da irmã pentelha”. (KRAKAUER, 1998, p. 120).

O *rompimento emocional* “descreve como as pessoas manejam a indiferenciação (e a ansiedade associada) entre as gerações”. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 134). Quanto mais emaranhado o sujeito esta dentro da família, mais necessidade a pessoa vê no rompimento com o sistema. Acredita-se que com o rompimento, estará cortando este laço emocional familiar, porém carregamos muito da bagagem familiar conosco. Os autores citados acima seguem dizendo que a distância ou fuga que algumas pessoas tentam de suas famílias de origem ainda podem infligir dor mesmo distante. “Quanto maior é o grau de indiferenciação, maior é a chance de haver um rompimento emocional, pois o sujeito não encontra outra possibilidade para ver-se separado emocionalmente de sua família de origem”. (ALBUQUERQUE; ALVES; 2016, p. 54).

O rompimento emocional é exatamente o que Chris faz. Muda para outra cidade inicialmente e mantém a mentira de que irá cursar direito, por dois meses ele consegue fazer as correspondências ficarem retidas no correio, para que os pais não pudessem vir atrás dele. Mas na realidade, ele vai viver sua própria aventura, sem qualquer contato com a família de origem, ele literalmente foge. Muda de nome, não tem endereço fixo, doa todo seu dinheiro para caridade, abandona seu carro. “Invetou então uma vida nova para si, instalando-se na margem maltrapilha de nossa sociedade, perambulando pela América do Norte em busca de experiências cruas, transcendentas”. (KRAKAUER, 1998, p. 9). A família recebeu uma última carta de Chris perto do final de junho.

No começo de agosto de 1990, os pais de Chris não haviam recebido notícias de seu filho desde o bilhete com as notas; decidiram então ir de carro a Atlanta para uma visita. Quando chegaram a seu apartamento, estava vazio e tinha um cartaz de “aluga-se” colado na janela. O zelador disse que Chris se mudara no final de junho. Walt e Billie voltaram para casa e descobriram que todas as cartas que enviaram para o filho naquele verão tinham sido devolvidas num feixe. “Chris dera instruções ao correio para segurá-las até 1º de agosto, evidentemente para que não ficássemos sabendo do que estava acontecendo”, diz Billie. “Isso nos deixou muito, muito preocupados”. (KRAKAUER, 1998, p. 34).

Nichols e Schwartz (2007) ainda usando as formulações de Bowen falam que existe o desenvolvimento familiar normal, em que seus membros ao conseguirem diferenciar-se, tem pouca ansiedade e continuam em contato emocional com suas famílias de origem tem sucesso em sua nova família nuclear. Todos temos assuntos para resolver, entretanto quanto mais resolvido estamos, melhor será nossa forma de se relacionar mais tarde. “Quanto mais diferenciada a pessoa, mais resiliente ela será e mais flexíveis e sustentadores serão seus

relacionamentos. Quando menos diferenciada for, menos estresse será necessário para produzir sintomas”. (NICHOLS; SCHWARTZ; 2007, p. 136).

Parece que Chris procura uma nova família para si, um novo meio ao qual pertença, e no caminho, encontra pessoas com quem consegue se vincular, mas sempre acaba partindo. J.B. conta que “era um garoto realmente bom. Sentimos grande afeição por ele. Quando partiu, nunca esperamos ter notícias dele de novo, mas ele fez questão de manter contato. Nos dois anos seguinte, Alex nos mandou um cartão-postal a cada um ou dois meses”. (KRAKAUER, 1998, p. 41-42). Em outra situação dizem que “se McCandless se sentia distante de seus pais e parentes, encontrou uma família substituta em W. e seus empregados, a maioria dos quais morava na casa dele”. (KRAKAUER, 1998, p. 30).

Chris poderia ter várias conflituosas com os pais, porém ele estava muito emaranhado neste meio, o qual era sua referência. Com o rompimento deste vínculo familiar, acaba levando consigo a indiferenciação deste meio, sua bagagem de casa. Em sua trajetória conhece diversas pessoas, mas não consegue vincular emocionalmente com ninguém. Ele repete em todas as suas próximas relações, o que fez com a família de origem, esta sempre rompendo e distanciando-se de ligações interpessoais. Esta característica pode ser tomada como sintoma do meio familiar, que se projetou em Chris.

#### **4.8 Ideação suicida**

Por favor, devolva toda a minha correspondência para os remetentes. Posso demorar muito até voltar para o sul. Se esta aventura se revelar fatal e nunca mais tiver notícias de mim, quero que saiba que você é um grande homem. Caminho agora para dentro da natureza selvagem. (KRAKAUER, 1998, p. 79-80).

Trecho da carta que Chris escreve para uma de suas amigas de estrada. Diversas atitudes de Chris revelam no mínimo uma falta de preocupação com ele mesmo, em que testava seus próprios limites. O trecho citado acima, foi uma carta escrita por ele para W.W., antes de partir para o Alasca. Se ele estava pensando em não voltar ou tinha ideação suicida, não fica exatamente claro. Mas as circunstâncias da sua morte, tornaram-se um mistério.

Krakauer (1998) traz como causa da morte inanição, pesava 30 kg quando encontrado. Mais tarde se constatou que ele pode ter morrido envenenado após comer uma planta não comestível e venenosa, a qual o debilitou seriamente. A questão é, porque Chris chegou a este ponto? Porque não procurou sair do local antes, sabendo das condições precárias de comida na área?

Quando o corpo de Chris foi encontrado havia um bilhete dele pedindo ajuda, o que pode significar que ele percebeu a gravidade da situação tarde demais. Já estava debilitado a tal ponto que não conseguia mais sair do local e a região é de difícil acesso. Percebe-se também que ele estava perdido em relação a data e mês do ano em que se encontrava. O bilhete dizia em letra de forma:

S.O.S. PRECISO DE SUA AJUDA. ESTOU FERIDO, QUASE MORTO E FRACO DEMAIS PARA SAIR DAQUI. ESTOU SOZINHO, ISTO NÃO É PIADA. EM NOME DE DEUS, POR FAVOR FIQUE PARA ME SALVAR. ESTOU CATANDO FRUTAS POR PERTO E DEVO VOLTAR ESTA TARDE. OBRIGADO. CHRIS MCCANDLESS. AGOSTO? (KRAKAUER, 1998, p. 24).

Este bilhete simboliza muito bem o que Walt falou do filho anteriormente nesta análise, Chris não achava que as probabilidades se aplicavam a ele, sempre estava com um pé a beira do “precipício”. Por ser bom em quase tudo o que fazia, novamente provava que os padrões que impunha para ele mesmo, eram altos e desafiadores. Krakauer (1998) relata que Chris parecia achar normal o desconforto físico. Assim como tinha falta de autocuidado e com a segurança pessoal.

Chris tinha grande ressentimento por seus pais, quase sempre desaprovando suas atitudes, os percebendo como hipócritas. “Sempre houve muitas contradições na relação entre ele e os pais”. (KRAKAUER, 1998, p. 124). Um de seus colegas de escola diz: “Minha impressão era de que seus pais eram pessoas muito legais, diz H., não diferentes, realmente, dos meus ou de qualquer outro. Acontece que Chris não gostava que lhe dissessem o que fazer”. (KRAKAUER, 1998, p. 125).

Das pessoas que o conheceram na sua viagem de dois anos como andorilho, também percebiam que haviam conflitas de Chris com sua família: “Das coisas que dizia, dava para deduzir que algo não ia bem entre ele e sua família, mas não gosto de me meter na vida dos outros, então nunca perguntei sobre isso”. (KRAKAUER, 1998, p. 30).

“Os filhos podem ser juízes implacáveis quando se trata de seus pais, e pouco inclinados a conceder clemência” aponta Krakauer (1998, p. 131) em sua obra. Novamente em um de seus escritos, dessa vez para a irmã Carine após a descoberta dos segredos dos pais, Chris aparece premeditando o que faria a seguir.

Já que eles nunca me levam a sério, durante alguns meses depois da minha graduação vou fazê-los pensar que estão certos, vou deixá-los pensar que “estou vindo para ver o lado deles” e que nossa relação está se estabilizando. E então, quando chegar o momento certo, com uma ação rápida, abrupta, vou expulsá-los completamente da minha vida. Vou me divorciar deles de uma vez por todas e nunca mais falar de novo com um daqueles idiotas enquanto for vivo. Não vou querer mais nada com eles, para sempre. (KRAKAUER, 1998, p. 75).



Para analisar a possível ideação suicida do personagem, precisamos entender o que significa suicídio em si. Segundo Cassorla (2017, p. 11) a palavra “suicídio” significa “morte de si mesmo”. Pode parecer uma boa explicação inicialmente, porém necessita-se de uma melhor compreensão de tudo o que envolve o comportamento suicida, entendendo que há diversas maneiras de ‘matar-se’, inclusive atitudes que não percebemos como suicidas, mas o são.

Cassorla (1990) segue dando exemplos de quais formas um sujeito pode estar de alguma maneira atentando contra ele mesmo, como por exemplo:

- a) Pessoas com problemas de saúde que não cuidam da alimentação, mesmo sabendo de suas condições, isso inclui alcoolistas, fumantes e usuários de drogas;
- b) “Há pessoas que gostam de viver perigosamente, na maioria das vezes não estão conscientes dos riscos que correm, ou mesmo que os conheçam, acreditam-se imunes a eles”, como exemplo traz quem dirige de forma imprudente e algumas profissões de risco. (CASSORLA, 1990, p. 10);
- c) Indivíduos que se expõem a riscos como forma humanitária, por exemplo: soldados, grevistas;
- d) “Pessoas comuns, muitas vezes, em determinadas fases de suas vidas se acidentam com facilidade [...], uma análise mais profunda demonstra a exacerbação, geralmente inconsciente, de seus instintos de morte. (CASSORLA, 1990, p. 10-11);
- e) As formas de vida que levamos podem causar adoecimentos físicos e psíquicos, por exemplo, as doenças psicossomáticas.

Chris em suas viagens, demonstra inclinação ao instinto de morte. Como diz Cassorla (1990) existem pessoas que vivem perigosamente. Neste caso Chris se encaixa muito bem. Na sua primeira viagem sozinho a família conta que Chris: “Só apareceu de volta dois dias antes do início das aulas em Emory. Ao entrar em casa, estava barbudo, de cabelos longos e emaranhados e perdera treze quilos de seu corpo já magro”. (KRAKAUER, 1998, p. 128).

Existe o suicídio de forma total ou parcial, sendo ele consciente ou inconsciente, onde o indivíduo tem necessidade de matar alguma parte de si, de forma consciente poderiam ser pessoas que se causam dor (cortando-se). Doenças físicas podem ser suicídios parciais, assim como falta de libido, prazer, onde a pulsão de vida do sujeito está tão baixo “que uma parte do indivíduo está como que morta”. Há também um dano nas emoções, onde uma parte deste ser se encontra “bloqueada”, “suicidada”, “devido a conflitos emocionais”. (CASSORLA, 1990, p. 12-13).

Podemos analisar Chris na forma de que inconscientemente esta ‘bloqueado’. Seus conflitos emocionais, que pouco expressa externamente, estão em guerra, em que ao mesmo tempo que quer romper seus vínculos parentais, também encontra-se inundado por eles.

“Lembro de estar lá quando ele entregou o telescópio para papai”, diz Carine. “Chris tinha tomado alguns drinques naquela noite e estava bem chumbado. Ficou emotivo de verdade. Estava quase chorando, lutando contra as lágrimas, dizendo para papai que, embora tivessem suas diferenças ao longo do tempo, estava agradecido por tudo o que papai fizera por ele. Chris disse como respeitava papai por ter começado do nada, por ter trabalhado para poder estudar e se arrebatado para sustentar oito filhos. Foi um discurso emocionante. Todos ficaram engasgados. E então ele partiu para sua viagem”. (KRAKAUER, 1998, p. 128).

Há relação entre fatores externos e internos que influenciam nas pulsões de vida e de morte, em que o meio em que vivemos trazem desafios que podemos lidar de boa ou má forma, tudo depende da potência interna do sujeito e da intensidade das situações. Para exemplificar os fatores externos: uma rua com má sinalização, onde a pessoa pode vir a acidentarse, porém quando a pessoa tem baixa pulsão de vida esta poderia sofrer um acidente em uma rua bem sinalizada. “Enfim, forças internas podem diminuir ou aumentar a força de riscos externos”. (CASSORLA, 1990, p. 14).

A família conta que Chris queria levar o cachorro da família chamado Buckley para morar junto com ele, relatando que Chris “não pensava duas vezes antes de pôr sua vida em risco, mas jamais exporia Buckley a algum tipo de perigo. Com certeza, não teria se arriscado da mesma forma se Buck estivesse com ele”. (KRAKAUER, 1998, p. 137). Os próprios McCandless entendiam a natureza de Chris como perigosa e com pouco senso de cuidado consigo. E também pouco inclinado a obedecer qualquer regra imposta por outros, fazendo sempre o que queria, ou tornando-se opositor.

Para Kalina e Kovadloff (1983), não podemos perceber o suicida apenas sendo o responsável do seu poder autodestrutivo. O suicida deve ser visto dentro de um social que se torna agente do ato suicida. Tanto o sujeito com tendência a autodestruição quanto os fatores externos que o permeia são responsáveis pelo suicídio. O ato de tirar a vida torna o suicida um rebelde que tem a capacidade de agredir o meio. Por vezes o autodestruitor não indica apenas que não aguentava mais, mas também expressa algo em nossa cultura e sociedades atuais.

Chris questionava o status ao qual estava acostumado, tinha reações exageradas com os pais quando se tratava da maneira que eles viam o dinheiro, entrou muito afundo em questões sociais existentes e era um verdadeiro inconformado com o modo como as pessoas levavam a vida. Talvez não fosse só os pais que o incomodavam, mas a sociedade em geral, isso resultava nele uma forma excêntrica de viver a vida. Testando-se ao máximo, acreditando que seus pares não eram importantes e as relações não se faziam necessárias.

Chris possuía um livro sobre plantas da região do Alasca que eram comestíveis, há a possibilidade de ele ter confundido as plantas e alimentou-se com a planta errada, ou ele sabia exatamente o que estava fazendo. Certamente, só podemos criar hipóteses de sua ideação suicida, mas através de seus atos, pode-se ao menos dizer que sua pulsão de morte inconsciente era perceptível.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos criar algumas hipóteses patológicas sobre a personalidade de Chris.

No DSM – V o Transtorno de Oposição Desafiante (F.91.3) traz como personalidade indivíduos que se irritam facilmente, perdendo a calma, sente-se incomodado facilmente, raivoso e rancoroso. Questionam figuras de autoridade, sendo desafiador perante regras impostas, recudando-se a seguir normas, podendo culpar outros por seus erros. Observamos muitas destas características em Chris, trazidos pelo livro de Krakauer, onde confrontava os pais, acreditava que as regras não se aplicavam para ele, fazia o que queria, mesmo com desaprovação de seus pares, demonstrava-se raivoso e irritável. Devemos levar em conta que Chris sempre teve uma posição mais opositora e desafiante dentro da família, porém percebe-se que após a descoberta de segredos familiares esta postura se intensifica em todas as regiões de sua vida.

Pensamos também em algum transtorno de personalidade, considerando que este jovem estava saindo da adolescência para fase adulta, onde um transtorno de personalidade pode tornar-se mais visível ou persistente. No DSM – V o Transtorno de Personalidade Esquizoide (F.60.1) descreve indivíduos que “não deseja nem desfruta de relações íntimas, inclusive ser parte de uma família” (p. 653), costuma realizar mais atividades sozinho, não demonstra necessidades sexuais, não tem prazer em muitos afazeres, não tem muitos amigos, indiferença frente a elogios e críticas, ausência afetiva.

Muitas destas características são vistas em Chris, uma vez que ele não acha necessário a interação humana; no livro relata que apenas uma vez a família soube do seu envolvimento romântico com uma jovem, mas não se sabe nada sobre seus interesses relacionados a libido; a única pessoa com quem Chris compartilhava algo era sua irmã Carine; não tinha interesse por ter um emprego e conseguir dinheiro, o que parece comum a maioria dos jovens, Chris não via necessidade de cursar a faculdade e arrumar um emprego, a única atividade que despertava seu encanto eram os livros e a natureza; Chris não importava-se com elogios, sendo que era um aluno nota 10, as críticas assim como os elogios eram ignorados; e seu forte desligamento emocional, pode ser visto em todas as suas relações, inclusive com Carine, a irmã de quem Chris dizia adorar muito.

O que pode ser visto sobre a viagem de Chris McCandless, um garoto que procurou seu autoconhecimento de forma incomum, parece mudar ao longo do percurso, durante os dois anos que ele vagou solitário e abandonou todos aqueles que encontrou pelo caminho, deixando marcas indeléveis em muitos. Curiosamente escreve no meio de um dos livros que

sempre carregou na mochila: “Felicidade só real quando compartilhada”. (KRAKAUER, 1998, p. 197). Ao final, de um jeito trágico, ele encontra o que procura. E com isso, pode ter descoberto tarde de mais que necessitava estar em sociedade para ser pleno.

A família como sendo a base principal e inicial de Chris, acaba tendo forte influência sobre sua personalidade, mas ela não é de todo a responsável pelos seus atos. Muitas vezes os pais na tentativa de podar o filho, acabavam o afastando ainda mais. Chris tinha características de alguém que podia ser extremamente sociável, assim como conseguia ficar sozinho por muito tempo. Esta falsa segurança de que nunca precisaria de ninguém para ser feliz, é um disparador para que Chris afaste-se de relações interpessoais e familiares, onde acreditamos que este poderia ter alguma patologia mais específica que configura suas relações.

Este livro, com a história desta família, me proporcionou as várias faces de um estudo de caso, dentro da abordagem sistêmica. Onde analisando o personagem, sua família e as relações interpessoais, pude entender que a família serve como base nos primeiros contatos com o nosso mundo interno e externo, mas cada sujeito possui suas particularidades e aprende a lidar com as situações de modos diferentes. Todo ser é único, mesmo que se viva no mesmo contexto e tem experiências semelhantes. A história de Chris McCandless sempre me chamou atenção por causa da sua ousadia em viver como andarilho, conseguindo se desapegar de todas as relações e do bem-estar.

Muitas vezes fica difícil entendermos o sofrimento humano. Porque cada pessoa sente as suas vivências com intensidades diferentes; algo que dói para mim, pode não doer para o outro. Acabamos por generalizar as pessoas e menosprezar o sentimento alheio. Carecemos muitas vezes no dia a dia de empatia. Digo tudo isso, porque a questão do segredo familiar dos McCandless é a realidade de muitos e nem por isso todos fazem o que Chris fez. Que jogue a primeira pedra quem não brigou com os pais alguma vez e disse que nunca mais falaria com eles novamente. O que iniciou o presente estudo, foi justamente, a personalidade de Chris, haviam atitudes muito persistentes que estavam apontando que poderia haver algo mais. Como conclusão acaba-se percebendo que talvez sua revolta estivesse voltado mais a ele mesmo, do que ao contexto.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. V.; ALVES, E. S. Codependência e transgeracionalidade: estudo de caso de codependência sob a perspectiva da teoria transgeracional Boweniana. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*. jun, 2016. p. 45-63.
- ANTON, Iara L. Camaratta. *Homem e mulher: seus vínculos secretos*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- ANTON, Iara, L. Camaratta. *A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- BARRERO, Guillermo Moreno. *Família retalhos: estudo de caso sobre a estrutura relacional de uma família multiproblemática*. Universidade Católica Portuguesa: dissertação de mestrado. 2012. 161 p.
- BURD, M.; BAPTISTA, C. In: MELLO FILHO, J.; BURD, M. *Doença e família*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 93-110.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CASSORLA, Roosevelt Moises Smeke. *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*. São Paulo: Blucher, 2017.
- CASSORLA, Roosevelt M. S. *O que é suicídio*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1990. 103 p.
- COSTA, Liana Fortunato. *A perspectiva sistêmica para a clínica da família*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Universidade de Brasília. vol 26. p 95-104. 2010.
- DSM V: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. *American Psychiatric Association*. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- GENOPRO: Programa GenoPro. Version 2.5.3.9. Copyright © [S.l] 1998-2011. Acesso em: <<http://genopro.com/>>
- IMBER-BLACK, Evan e col. *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KALINA, E. KOVADLOFF, S. *As cerimônias da destruição*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- KRAKAUER, Jon. *Na natureza selvagem*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- MCGOLDRICK, M. GERSON, R. PETRY, S. *Genogramas: avaliação e intervenção familiar*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MINUCHIN, S. NICHOLS, M. P. LEE, W-Y. *Famílias e casais: do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 480 p.
- VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SOCERJ*: Rio de Janeiro. set/out, 2007. 383-386 p.
- VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. *Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica*. São Paulo: E.P.U., 2001.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.